

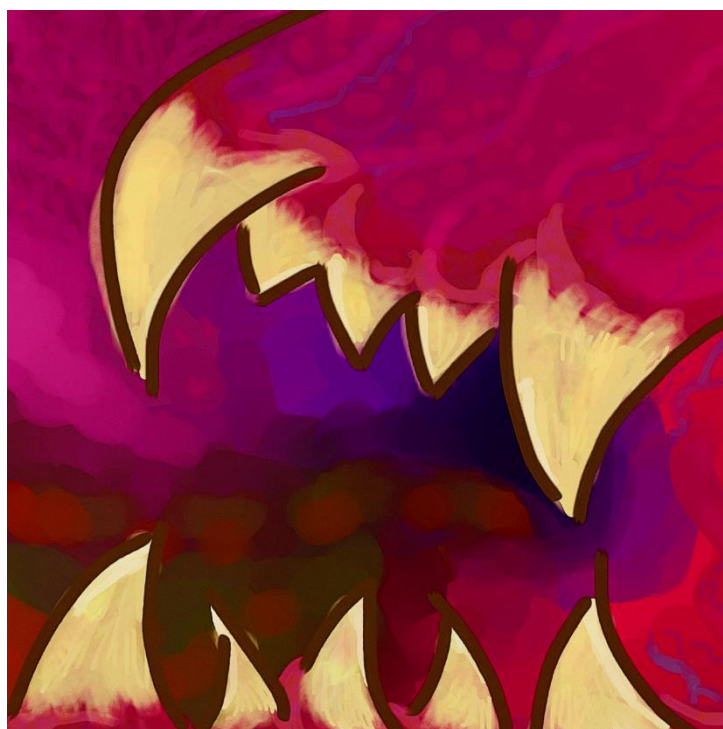


UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
DEP. BAB - CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

José Bruno T. de S. Malta

Amostra de Monstros



Gole da Esfinge, 2021 - Desenho Digital, 2000 x 2000 pixels (53 x 53 cm)

Rio de Janeiro

2022

CIP- Catalogação na Publicação

B261a Bruno Malta, José
Amostra de Monstros / José Bruno Malta. - Rio de Janeiro, 2022.
30 f.

Orientador: Julio Sekiguchi.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2022.

1. Monstros. 2. Ilustração . 3. Mitologia. 4. Política. I. Sekiguchi, Julio , orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

José Bruno T. de S. Malta
DRE: 116167942

AMOSTRA DE MONSTROS

Monografia apresentada
como pré-requisito
para conclusão do Curso de Pintura
da Escola de Belas Artes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Julio Ferreira Sekiguchi

Rio de Janeiro
2022

Dedicado a todas e todos que lutam e
lutaram contra os seus próprios
monstros, e contra os monstruosos
sistemas que atormentam à
humanidade.

Agradecimentos

À todas as professoras e professores que atravessaram minha vida, desde o início até o imprevisível futuro. Sem elas, eu jamais estaria aqui.

A meu professor Pedro White, que acreditou em mim, me deu oportunidades inéditas, me ensinou muito e foi um amigo, que lutou até o fim.

À minha família que sempre me deu todo apoio e carinho que podia e além, mais do que eu poderia pedir, mais do que eu poderia merecer.

A todos meus amigos e amigas que mantiveram a chama da vida vibrante, as ideias que ajudaram a forjar e reforçar, ao lugar no mundo que ajudaram a confortar, a tudo que me foi proporcionado.

A todas e todos funcionários e instituições públicas que mantêm o Brasil de pé, e permitiram que este trabalho tivesse espaço para ser feito.

José Bruno T. de S. Malta

116167942

Amostra de Monstros

UFRJ

O estudante supracitado está ciente de que o Trabalho de Conclusão de Curso será publicado na Base Minerva/Sistema Phanteon da UFRJ e poderá ser integralmente publicado no site do Curso de Pintura da EBA – UFRJ. Compromete-se com a possível reformulação de seu material de apresentação conforme orientações da banca no prazo de 30 dias, visando sua posterior publicação *online*. Compromete-se também a enviar em documento separado o resumo e no mínimo três imagens dos trabalhos realizados com ficha técnica completa para seu orientador, a fim de serem divulgados *online* no site do Curso de Pintura da UFRJ. O cumprimento desses requisitos é necessário para o lançamento da nota do estudante.

Monografia apresentada como pré-requisito para conclusão do Curso de Pintura da Escola de Belas Artes - Universidade Federal do Rio de Janeiro, e avaliada pela seguinte banca examinadora:

Aprovado em:

Julio Ferreira Sekiguchi. Doutor. EBA/UFRJ

Dalila dos Santos Cerqueira Pinto. Doutora. EBA/UFRJ

Marcia Yoko Lucena Nishio. Doutora. EBA/UFRJ

SUMÁRIO

- **1 Resumo**..... 8
- **2. Introdução**..... 9
- **3. Monstros que Mostram como Demonstramos nossos Meios**..... 10
- **4 Como se Originam e Mostram os Monstros** (sobre o processo)..... 11
- **5 Vejam as Vistasas Criaturas** (exposição das obras)..... 12
 - 5.1 Faces da Verdade..... 13
 - 5.2 Máscara do Representante..... 16
 - 5.3 Vigia da Autocrítica..... 18
 - 5.4 Sicário da Segurança..... 21
- **6 Das Maravilhas que Pariram Criaturas** (inspirações e conclusão)..... 23
- **Contatos e Elos**..... 24
- **Bibliografia e Referências**..... 25
- **Apêndice: Exposição Individual**..... 26

Resumo

Neste Trabalho de Conclusão de Curso irei propor que a monstruosidade é uma confecção mental humana para identificar e definir aquilo que ela repudia, e assim também explorar o conceito do que é um monstro. Farei isso pela “monstrificação” de fenômenos com que um morador do Rio de Janeiro, mas possivelmente qualquer brasileiro, tem de lidar diariamente, em especial nos anos que antecedem este trabalho. Estes fenômenos monstrificados serão definidos por uma palavra-chave - base conceitual do monstro - a partir dela farei um retrato do semblante do monstro que representa este fenômeno.

Palavras-chave: Monstros, Monstrificação, Perspectiva, Sociedade.



Centaurofilo contra a Guerreira (detalhe), 2022 - Desenho Digital, 3000 x 4000 pixels (21.8 x 29 cm)

❖ Introdução:

Vivendo entre nós, nos cercando, nos penetrando, sendo nossos produtos, e vivendo em nós, monstros aparecem e remetem-se por toda parte, por toda história, por todo dia. Por que os monstros são para nós tão automaticamente monstros? Seria o conceito de monstros tão intrinsicamente parte de nossos instintos e defesas humanas assim? É necessário saber o que são, onde estão e o porquê são.

Pois bem, primeiro: não o são por si só, não são independentes de nossa linguagem e visualização (componente essencial). Podemos argumentar que um lobo é lobo sem precisar que o contemplemos como lobo, um monstro (mesmo que seja um lobo), porém, é fruto da remetência humana sobre este. Seja por instinto, resposta emocional ou sensação imediata (ou analítica), construção retórica e política, monstros não nascem espontaneamente, mas são criações da visão humana. Seguindo este raciocínio, monstros são estigmas, rótulos, nomes, coberturas, classificações e categorias, tal qual o que é inominável e incompreensível, o que habita o que o humano não consegue ver e entender total ou parcialmente. Portanto, nada "é/ser monstro" (sozinho e isoladamente como se vê o ser humano), mas sim é "monstrificado". Tal rotulação pode até ser autoimposta deliberadamente, mas ainda assim depende da intenção humana, e necessita de testemunhas igualmente humanas. O mais comum, entretanto, é que se monstrifique o objeto, ação ou o sujeito outrem.

Neste trabalho eu irei firmar essas palavras com exemplos, mostrarei monstros, monstrificarei em plena vista. Farei vilão, criatura, coisa maligna ou força inimiga conceitos com que lidamos cotidianamente, mesmo que só com suas realizações concretas, longe dos seus intuitos ideais. Desta forma, será dada forma e cor a essa palavra-conceito, não no simples intuito de dar carne à ideia, mas de tendenciosamente ilustrar-lhe com/de matéria detestável e monstruosa. Assim, iremos realizar juntos o projeto de ver que tudo pode ser monstro, portanto tudo é monstrificável, e invariavelmente será monstro (ou o foi, ou o é).

RASCUNHO 1



RASCUNHO 2

❖ **Monstros que Mostram como Demonstramos nossos Meios:**

No texto, a palavra "Monstro" já foi usada tantas vezes que começa a sofrer o deterioramento de sentido, virando mais eco do que fonte. Devido a isso, vamos tomar um tempo em procurar jeitos de defini-la. Existem muitas formas deles, monstrenços, monstrinhos, monstrões e monstrolas, desde os mais abjetos e horrendos até os mais belos e resplandecentes, e tudo que há entre eles nas mais diversas variações. Um gigante, um lobo, um tubarão, bactérias (ou melhor, suas pandemias), um doente, um estranho, uma montanha, uma tempestade, um povo diferente, um inimigo... Esses são todos alvos da monstrificação, do temor, ódio, perseguição e superstição humana. Mas todos são (por si só) muito mais do que quem os monstrifica vê, eles não são "ser monstros", eles são o que são, e foram monstrificados no conceito designado de alguém, ou de uma perspectiva mais coletiva, tal como é analisado por Clifford Geertz em 'O Saber Local' (1997).

Existem os velhos monstros do imaginário sem sombra de dúvida, cujas origens são neblinas no tempo, mistificando e tornado-os ainda mais consagrados como "ser monstro". Estes, contudo, tornam-se signos, valores, símbolos, metáforas, conceitos e estigmatizadores, prontos para terem novos usos. Por vezes, até perdem seu caráter mais "monstruoso", tornando-se eles próprios rotuladores, como a esfinge, a quimera, o demônio, o fantasma, a fada, o dragão... O que nossos saberes populares e antigos, mitologias e crenças indicam é que monstros acompanharam a humanidade desde os primórdios de nossa história, quando eramos ainda mais cercados pelo desconhecido e o ameaçador. Nossas criações virtuais e mentais, e nossa relação com o mundo, porém, advém do mundo material que nos cerca, e o processo monstrificador pode ser visto como o temperamento e digestão das piores mais nocivas coisas do mundo que vemos, que através da expressão, descrição e ilustração nós parimos de volta ao mundo.

❖ Como se Originam e Mostram os Monstros:

A questão da divulgação dos meus trabalhos, desde os primeiros desenhos até os mais novos, sempre foi marcada por uma reserva, uma intimidade e conforto com a feitura por si só das artes, sem tanto se empenhar com sua exibição. Foi com o tempo que a necessidade e o acaso me levaram a mostrar meus desenhos abertamente, pois sempre foram obras pessoais, de mim para mim, mesmo que sem necessariamente explicitar profundos sentimentos da minha alma. Por conta disso, meus desenhos e obras estavam pela maior parte resignados a gavetas, pastas ou armários, isto é, quando não eram rascunhos amassados, reusados ou descartados. Amontovam-se acima de mais e mais papeladas, e só alguns recebiam melhor tratamento e conservação, e esses viam-se mais exibidos, embora raramente.

Foi por conta da escola, trabalhos, cursos (de modelo vivo e desenho), e da Faculdade que uma necessidade e até ímpeto de mostrar as produções surgiu. Ainda assim, algumas obras digitais, mesmo tão facilmente divulgáveis, permanecem guardadas nos arquivos do meu computador, mas não é mais como são as gavetas do quarto. Porém, junto de uma das disciplinas da faculdade em que deveríamos formar portfólio e currículo, surgiu essa instigação de publicar os trabalhos, para além dos documentos profissionais. Inicialmente foram só alguns pelo *Instagram*, mas após um tempo, devido à procura emprego na outra plataforma virtual *LinkedIn*¹ veio a ideia (senão também necessidade) de abrir um site próprio com meu trabalho artístico, incluso meu portfólio e currículo, e lá estão expostos meus melhores trabalhos, tanto digitais quanto físicos.

O meio digital se mostrou para mim na pandemia, quando fomos apartados do panplonão da faculdade, e eu na falta de um ambiente de trabalho para pintura, junto de um interesse pelo desenho virtual e uma praticidade que este trazia, optei por me aventurar nesse meio diretamente. Isto incluiu no fim cursar matérias da faculdade unicamente por via digital, embora por fora os estudos em lápis e papel continuassem. Mesmo com uma certa distância ainda existindo entre a aptidão de um para o outro, melhor dizendo, do gesto de desenho no papel com aquilo que tento alcançar no digital, ainda assim ilustrar pelo computador usando uma mesa digitalizadora está sendo minha via de estudo e adaptação principal nos anos da pandemia. Não somente seus múltiplos recursos, vinculação direta com a formatação e dispersão virtual, e completo controle sobre o tempo da produção que me mantém aplicado nessa técnica. Ainda assim, essas ferramentas digitais analogam bem com as físicas, e sua utilização tem posto à prova os aprendizados da faculdade, o que foi uma boa surpresa. Retornar espiritual e mentalmente às aulas para lembrar das questões da pintura, que fogem do processo automático e mecânico do rabisco, foi refrescante, ainda que a tom de desafio. Como a cor e textura sempre forma quesitos de dificuldade minha, essa prática e planejamento vem com um sentimento de evolução e aprendizado empírico. Junto a isso, outros trabalhos que fiz paralelos ao TCC, exercitaram esses conhecimentos, de forma a criar uma atmosfera de empenho pictórico e cromático, em meio a diversas produções profissionais, acadêmicas e pessoais.

Ao definir a palavra-conceito ou palavra-semente, que é a identidade do Monstro que irei ilustrar, a base e matriz dele, começo a esboçar e rascunhar suas formas. O intuito é retratá-los como figuras semi-humanas, de forma a aproximá-las de nós, os criadores de monstros. Os rascunhos levam referências de quadros cinematográficos, fotos e pinturas, mas não são delimitados a estes, usando-os como inspiração. Quando um dos estudos satisfaz o suficiente, então parto para a

¹ Ver, na seção mais abaixo de Contatos e Elos, para o endereço eletrônico de meu LinkedIn e outros.

mídia digital, onde reproduzo no computador o desenho feito inicialmente no papel. Só então começa o trabalho de claro-escuro e coloração, o que envolve mais testes, que concluem a obra.

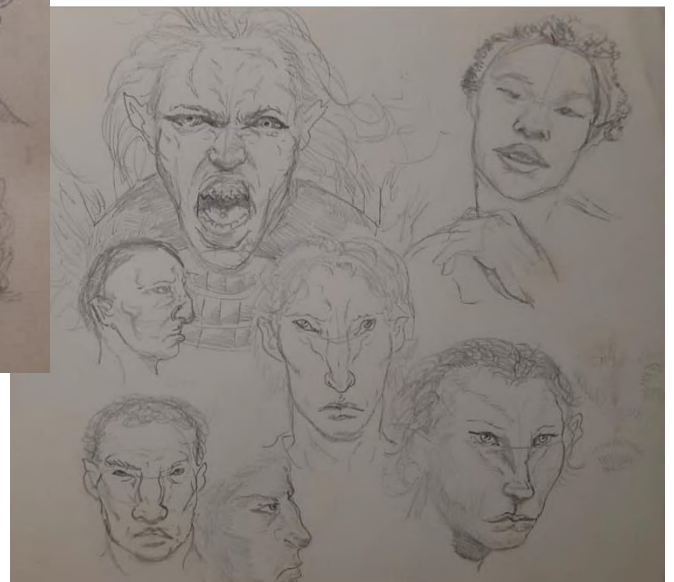
❖ **Vejam as Vistasas Criaturas:**

As quatro vítimas da monstrificação que será apresentada são de presença comum no dia-a-dia, com suas próprias ramificações, importâncias e as ponderâncias que se podem ter sobre elas. Estas palavras-semente são a **Verdade**, o **Representante**, a **Autocrítica** e a **Segurança**. Conceitos encarnados ou encenados já automaticamente no nosso imaginário por figuras e atos conhecidos, ou imediatamente lançados sobre estes a partir do primeiro contato. Pois bem, todas estas podem ser monstruosas, podem gerar monstros, e podem tomar formas que para alguns é inócua e para outros é terrível.

Para bem prestar ao intuito do Trabalho, essas quatro monstrificações foram confeccionadas tal como retratos de pessoas. Alguns desses levaram dezenas de formas, rascunhos, esboços e reformulações antes de atingir uma aparência que bem encarnasse, e carregasse consigo, todos os membros, órgãos, formas e detalhes que me vieram fundamentais para a monstrificação das quatro palavras escolhidas. A escolha das palavras-conceito não foi investida de muito esforço ou método, mas de uma matutação sobre o que poderia fornecer símbolos evocativos e esfíngicos. Deveriam ser conceitos que a maior parte dos expectadores possa tirar conclusões próprias, sejam quem quer que sejam (embora, a realidade da região Sudeste Brasileiro, em parte, tenha uma impressão tendenciosa nisso). Conceitos com que lidam em base diária, cotidiana, e tenham tido experiências pessoais com o assunto. Duas das palavras (segurança e representante) são de um cunho sociopolítico sem dúvida, mesmo que não exclusivamente. As outras duas variam, pois a 'verdade' é um conceito extremamente em voga hoje, e muito disso relaciona-se com a política e informação. Porém, a autocrítica, tal como as demais, pode ser altamente pessoal, e das quatro palavras deve ser a mais íntima. Concluindo, os conceitos deviam ser abrangentes, íntimos, pessoais e interpessoais, sociais e políticos, tudo isto junto e misturado, em medidas variadas de uma obra para outra.



RASCUNHO 3



RASCUNHO 4

RASCUNHO 5



RASCUNHO 6

Faces da Verdade:

O primeiro dos trabalhos. A Verdade é um conceito que poucas vezes saiu das lentes ou assuntos de pensadoras, jornalistas e historiadores. Uma questão imperativa, que passou por todas ciências, crenças e práticas da sociedade, seja tentando defini-la, defendê-la ou recusá-la. Voltou a um grande palco com a expansão dos noticiários, mídias jornalistas, redes sociais e plataformas de mensagens, que acabaram notoriamente influenciando significativamente em eleições de países na América e Europa. Valendo-se de meias-verdades, falsidades e calúnias, imagens foram manchadas ou exaltadas, nomes foram sujos, pautas e ideologias foram difundidas através dessas ferramentas. Nenhum desses meios é novo, mas tornaram-se muito mais evidentes e descarados, tornando um suposto ápice de tecnologia, razão e progresso em mais um capítulo intrincado da história. A verdade passa por seus momentos de santidade, e de profanidade e liquidiez.

Precisa haver concordância para haver ordem e colaboração, ou haverá caos. Assim, costuramos as verdades do mundo com os retalhos da nossa percepção e imaginação. Mas talvez seja a realidade que, por baixo de tudo, por baixo das diversas camadas de nossos sentidos fugazes e dinâmicos, e de nossa mente projetora, não haja miolo nessa tal verdade, talvez ela seja uma santa do pau oco. Uma criada por esse mosaico heterogêneo e semiorgânico, da qual falta um núcleo duro natural.

Portanto, um monstro, uma figura, uma criatura que pudesse ser encarado como incorporando a Verdade, precisaria ser uma criação humana - feita a seu modo e semelhança -, mas longe de monolítica, integral, monocromática e natural. Monstros assim já foram pensados e descritos em romances, como o fundamental Frankenstein de Mary Shelley, cujo monstro do epônimo doutor certamente inspirou este trabalho.

Com isso, vale a pena entrar no pequeno exercício mental que é parte do trabalho. O de imaginar como se transforma algo que vemos, e digerimos cerebral e espiritualmente, então repassamos aos outros como uma reprodução refinada (ou por outro lado, desvirtuada) do experimentado. Se isto

mesmo não toma formas conturbadas, deformações e necromancias de quimeras engolidas por nossos sentidos e expelida por nossos aparelhos comunicativos. Indo além mais longe, o quê viria de juntar todas essas 'mentefaturas' em enormes monumentos coletivos, cultuados e temidos como blocos de realidade inquestionáveis, mais reais do que aquilo que sentimos e pensamos, muito maior que nós. Isto seria uma visão aterradora ou maravilhosa, certamente. Uma obra imperial sobre toda a humanidade.

Concluindo, este monstro surgiu das contemplações do vazio e confecção da verdade, como alto conceito, não uma visão niilista do seu emprego prático. Podem lhe faltar ou ter excesso de pedaços, podem ser substituídos, repintados, reformados, revitalizados, refeitos... Ela pode ser adaptada à necessidade, moldada a gosto, pois talvez mudando a verdade seja possível mudar a realidade. Porém, ela sempre será reflexo de seus criadores, ela sempre será uma obra, ela sempre fitará de volta, e quando estes a contemplarem e reconhecerem, fugirão de medo pelo horror deformado que fizeram, ou, talvez, darão de ombros, pois esse é um monstro que lhes serve os propósitos e deve ser o que precisa ser para servir. Estes criadores, porém, são possivelmente aqueles que criam o que mais são: monstros de olhos vazios.

Versão Completa (Animada):

https://static.wixstatic.com/media/80bc61_6acc3b1ce2f94ec1b682ca9bd9cfd3c6~mv2.gif



Faces da Verdade, 2022 - Colagem Digital, 4000 x 3740 pixels (106 x 99 cm)



Face da Verdade, 2022 - Desenho Digital, 2900 x 3800 pixels (21.0 x 27.6 cm)

Máscara do Representante:

A escolha sobre qual deveria ser a 2ª criatura, trazida à carne e osso da imagem, sofreu algumas revoluções antes de atingir uma direção final. Tanto em decidir qual seria a palavra-semente, quanto que forma teria o ser, levaram muitos rascunhos até que eu chegasse num consenso. De início, a palavra seria Representação, mas ela fugia um pouco da proposta, sendo abrangente e pouco definida, enquanto a outra, Representatividade, intercalava muito com questões específicas e atuais, mas não era o que eu procurava monstrificar. A proposta deste monstro sempre foi ter clara implicação política e republicana; sobre o que são, ou podem ser os representantes da sociedade no poder executivo e legislativo. No fim, os rascunhos foram tomando vida antes da palavra-semente ser 100% definida.

Muito dos estudos a lápis dessa monstrificação brincavam com a figura do reflexo, da adaptação e mudança descarada, da reação e mímica quase instintiva. Uma personagem que não se baseava no exercício de uma função ética e profissional, nem permanecia convicta e consistente aos seus ideais e comprometermos. Cujo único interesse era agradar por aparência, superfície, a modo de um charlatão ou sicofante, mas que no fim é quem de fato empunha as rédeas, obtidas por artimanhas. Artimanhas essas que exploraram os confins mais remotos das leis, ou esconderam-se por diversas camadas de tergiversão e terceiros. Assim, existe uma hábil máquina de sedução política, familiaridade e promessa dos maiores prantos e aspirações da sociedade.

Para representar essa falsa aparência de salvador - gravitador de esperanças e simulador do que anseia a população - muitos rascunhos levaram o uso da imagem de espelhos, porém, por ser imagem estática, não poderia sê-lo realmente um espelho de quem vê. A ideia de definir o expectador pela figura que habitaria esse espelho, também não me agradava. Ademais, uma superfície reflexiva escondia demais uma real forma ou face desse suposto monstro cínico e metamórfico. Portanto, um representante vestindo uma máscara ilusória, ao mesmo tempo que de física própria monstruosa, fornecia um perfeito conjunto de símbolos.

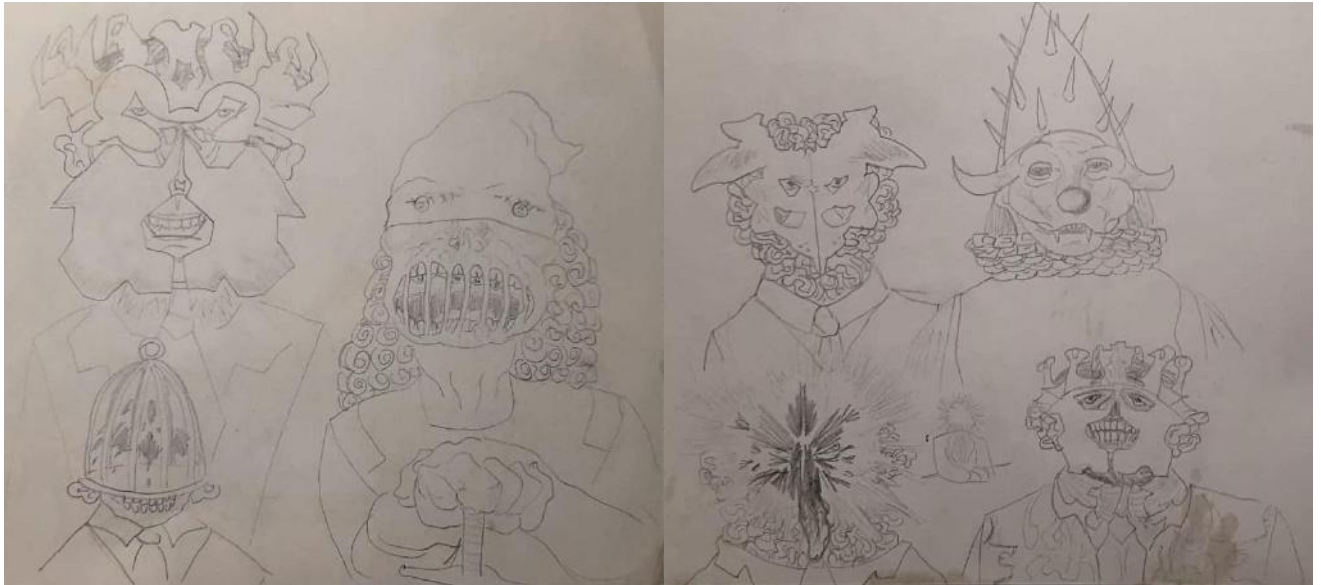
Como seria a cabeça, face e órgãos de figura tão dissimulada? Muitas possibilidades; reunindo algumas ideias interessantes em meio a esses experimentos. A anexação de orelhas ou outros órgãos sensoriais ressoou bem, visto que a "opinião pública" era tudo que importava para a criatura. O uso do terno, uniforme político dos países ditos 'ocidentais', veio rápido. Mantinha-se a questão de como seria essa máscara enganadora que ele vestia.

Procurei por uma figura que simbolizasse bem esta adaptação dinâmica, a gosto do expectador, afim de tornar o monstro um ícone populista e autoritariamente bajulador. No fim, consegui pensar numa coisa que bem seguia essa filosofia de "ser o que quer enxergar o expectador". As imagens de origem psicanalítica, feitas de borrões de tinta, criando abstrações pictóricas, conhecidas como parte integral do 'Teste de Rorschach'. Essa era minha resposta para o enigma da esfinge do Representante! Pois nas manchas de Rorschach você pode ver aquilo que bem entende, o que quiser. Portanto, a máscara seria, para cada expectador, exatamente aquilo na qual ele depositaria suas confianças, sonhos e esperanças. A ferramenta perfeita para uma criatura que deseja atrair a adulação de milhões, apelando por suas ânsias.

Depois disso, foi uma questão compositiva, estética e gráfica. Juntar tudo num ser cínico, enganador, que fala o que os outros querem ouvir (o que deu a ideia da boca que sempre sorri e a boca que sempre fala), e diabolicamente atento aos seus arredores e opiniões, para rapidamente usá-las em seu favor, e na ofensiva contra oponentes. Tudo isso, mais ou menos escondido sob a máscara do que quer que você queira que seja. Enfim, o Representante não é uma consciência única e própria, mas uma máquina de diversas engrenagens, se fingindo ser o que lhe é necessitado na hora.



Máscara do Representante, 2022 - Desenho Digital, 3000 x 4300 pixels (21.8 x 31.2 cm)



Vigia da Autocrítica:

O que começou entre rascunhos da monstrificação da Segurança, acabou por fornecer base para um monstro próprio e autônomo. Devido ao gosto que tive por uma particular versão dos esboços da Segurança, comecei a desenhá-lo no meio digital, o qual geralmente só começo a usar quando me satisfiz e decidi com um rascunho a lápis. Porém, o monstro foi tomando conta própria por assim dizer. Afinal, ele não tinha mais uma direção conceitual, não partia ou se direcionava a uma palavra-semente, mas procurava ser evocativo, esteticamente interessante e fornecer um monstro distinto dos demais.

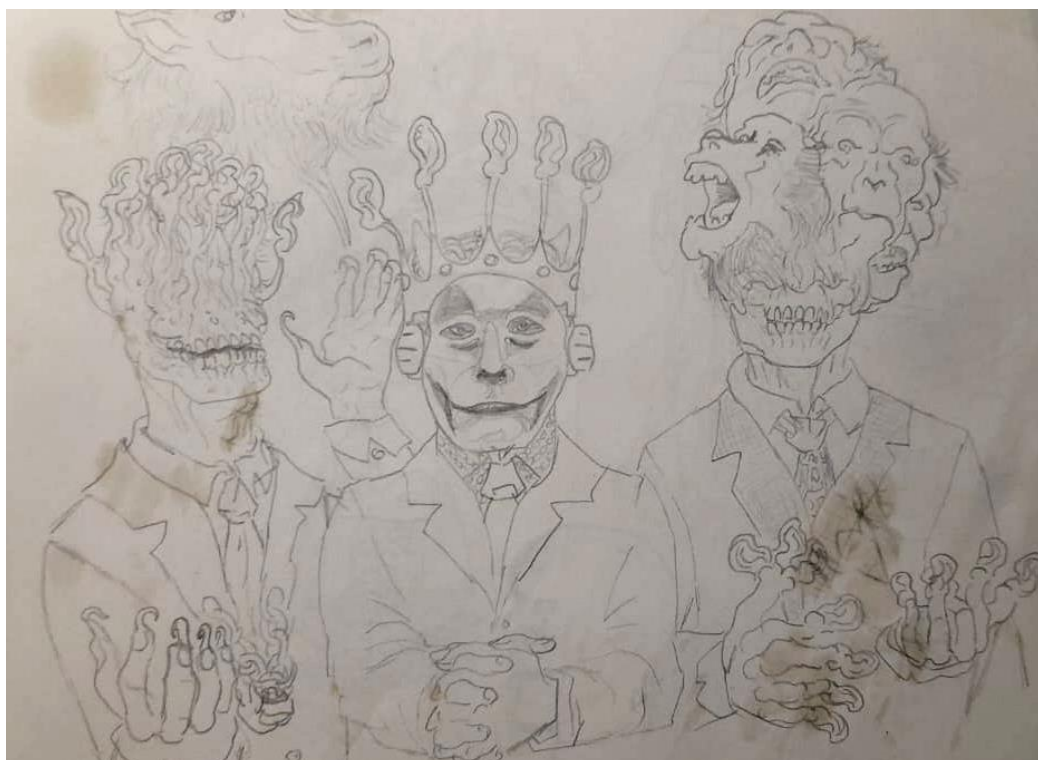
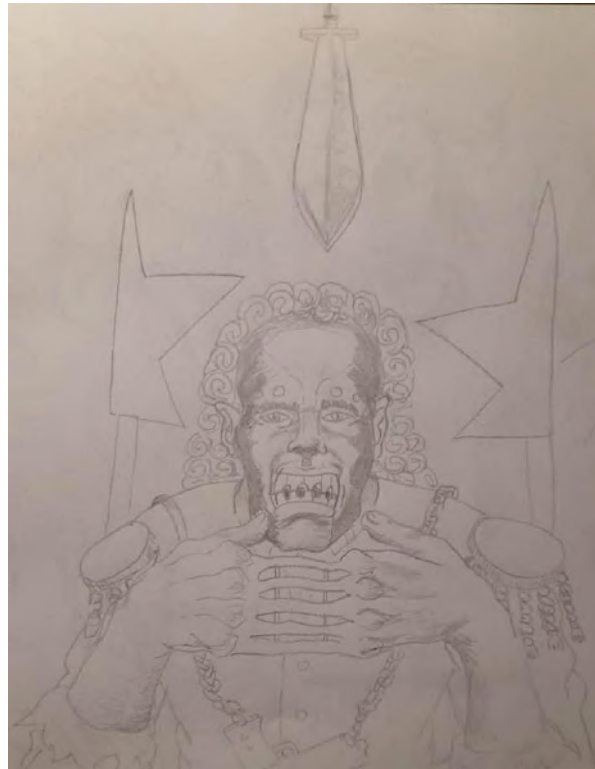
A base foi a foto de um notório ocultista Estadunidense, chamado Anton LaVey, que fundou a Igreja de Satanás. Por mais interessante que paralelos e estudos da figura ou história desse homem pudessem ser, a postura e aura mística eram o que me interessavam na foto. Eu possuía essa foto salva no meu computador de antemão, como parte de um grande acervo de retratos evocativos, expressivos (ou expressantes) ou de que alguma forma me chamaram a atenção. No fim, o ocultista foi mais uma ponta que forneceu suporte ao monstro, mas não participou da sua continuidade, nem em forma, nem em conceito.

Conforme fui traçando as mãos repousadas, o rosto severo e frio, foi-se formando uma eminência em volta da criatura. Uma tenebrosidade e seriedade inquebrantável. Na coloração, eu decidi que queria usar tons frios na pele pela maior parte, visto que o monstro anterior (o Representante) é radiante de calor rubro. Esse gélido semblante, postura e olhar combinaram bem com as cores, e vice-versa. O monstro tinha então esta conotação vampírica, eterna e julgadora; sua inexpressividade e fundo hipnótico corroboravam com isso. Vampiros sempre foram um monstro extremamente presentes no meu imaginário e interesses, devido a essa proximidade e/mas reversão ou perversão de aspectos muito humanos. Contudo, o trabalho não busca primariamente traçar paralelos entre monstros consagrados, com os conceitos escolhidos. Assim, passamos por mais um símbolo que não seguiu até o fim da viagem.

Ao terminar a forma definitiva da criatura, ainda restava a dúvida do que ela incorporava. Portanto, fui contemplando as possibilidades, e perguntando a pessoas próximas, até que uma delas me falou que chamou sua atenção a severidade do olhar, bem crítico e quase opressor. Este foi o salto do gato, pois em pouco tempo depois disso, conclui que esta deveria ser a monstrificação de uma

forma de censura ou repressão. Entretanto, não cabia uma vistoria externa ou institucional, parecia uma coisa mais entranhada, emaranhada, e mais íntima. Foi assim que decidi que este seria o monstro da *autocrítica*. Embrenhada no nosso âmago, carregando-nos de dúvida, drenando-nos de confiança, e nos assombrando com sua presença. Como qualquer tipo de regulamentação, o Vigia da Autocrítica pode (e nesse caso foi) perder seu cunho moderador, tomando uma função radical e tirana de aperto, furto, exaurimento e restrição extrema. O juiz sem limite é um frígido déspota.

RASCUNHO 9



RASCUNHO 10



Vigia da Autocrítica, 2022 - Desenho Digital, 3000 x 4000 px (21.8 x 29.0 cm)

Sicário da Segurança:

Este foi um conceito que eu quis monstrificar desde o princípio, embora a exatidão dele inicialmente fora difícil. Pois em parte, 'justiça' era o termo que vinha em mente, por outra, 'violência' pularia muito da provocação e da consideração, indo direto ao ponto. Portanto, no final das contas, 'segurança' era a palavra-semente mais apropriada. Afinal, um monstro é muitas vezes uma perversão daquilo estabelecido e comum, mas levado a um extremo ou sombriedade.

Dentre as muitas imagens que surgiram na minha mente para montar a sua aparência, muitas giravam em volta da justiça do antigo regime francês (assim como de outros estados europeus), e também incluindo seu período seguinte de terror. Por tanto, a espada de execução, símbolo da justiça real, que traria a segurança através da punição e medo, seria um elemento importante na imagem. A guilhotina também seria, mas pôde funcionar como uma ameaça mortal distante e espreitante, como uma espada de Dâmocles. As roupas desse carrasco foram uma boa mistura da cavalaria francesa napoleônica com fardas policiais modernas, com adereços e adições caricaturais. Outro elemento importante foi a peruca de juiz, símbolo europeu clássico do alto garbo, alto cargo e status dos magistrados, dignatários e juizes, que hoje em dia tem uso bem mais restrito.

A segurança sempre deve ser de alguma coisa, assegurar alguma coisa de outras. Talvez seja ainda pior quando se este agente da segurança supostamente deveria te proteger, mas no fim ele protege outra coisa, e você ameaça isso. Isto é um monstro medonho, mas extremamente comum, de muitas formas. Porém, aqui, decidi retratá-lo em uma forma cadavérica, carnilenta, de olhos de botão cegos, uma boca encarcerada, cujo detentor não pretende usar para dialogar, mas certamente irá analogamente calar àqueles a quem oprime.

O físico macilento, como de um corpo-seco, ajuda a trazer as relações desse monstro com a morte, marcando-lhe como um agente da imperativa necropolítica. Sob mandato oficial e sancionado, este condecorado verdugo impõe uma suposta segurança através do emprego da morte. Não existe vexame, vergonha, pudor, reservas ou preocupação desta figura, muito pelo contrário, pois ela expõe seus símbolos com orgulho. Mesmo que não trouxesse consigo sinais de que age oficialmente, ele ainda seria um assegurador, uma segurança, um que segura a vida com as mãos e aperta, pois essa é sua vocação, é o que lhe dá poder. Traja a púrpura dos patrícios e imperadores, pois a própria defesa, limpeza, vigilância, repressão e execução constróem seu império necrótico.

O que defende e assegura esse império carrasco? O que protege um monstro? Algo melhor ou pior que ele?



RASCUNHO 11



Sicário da Segurança, 2022 - Desenho Digital, 3000 x 4400 px (21.8 x 31.9 cm)



❖ Das Maravilhas que Pariram Criaturas

Monstros sempre foram uma grande fonte de interesse meu. Em parte, eles têm tantas formas, tantos jeitos, origens e naturezas, mas ao mesmo tempo é geralmente tão fácil defini-los como tal. Eles participavam de grandiosas histórias e histórias, mas também de pequenas fábulas e contos, e podiam ser pequenos estorvos ou grandiosas ameaças cósmicas. Tantas variações, e tanto a dizer. Às vezes a parte mais interessante de um monstro era sua história, sua origem, e o porquê dele ser um em primeiro lugar. Não é incomum que em grandes mitos e lendas, estas criaturas surjam de ações, defeitos e faltas humanas. Alguns, porém, só existem para afetar as ações humanas, seja para um suposto bem ou suposto mal. Até o que é criado por deuses e seus antagonistas, acaba por sua vez tendo relação, efeito ou origem nos humanos. Dessa forma, eu passei a vincular a própria ideia de monstros com a experiência, percepção e julgamento humano.

Um artista bem-estabelecido no caldeirão de imagens e produções altamente reproduzidas, distribuídas e espalhadas, foi Francisco de Goya, pintor e gravurista espanhol do século XVIII e XIX. Mais que seus trabalhos de gênero, retratos e cenas comuns e da corte Espanhola, meu interesse é por suas pinturas e gravuras alegóricas, macabras e provocantes. Nelas há explorações e investigações mentais e políticas, por vezes flertando com uma certa monstruosidade, por vezes abertamente as exibindo em sua morbidez. Pensamentos monstros, atos monstruosos, transfigurações (ele mesmo fazendo monstrificações), e desvirtudes monstruosas. Ele demonstrou e expressou suas opiniões, e portanto, sua perspectiva através da mídia visual dos monstros. O meu trabalho é, de certo, mais uma exploração artística do mundo humano através da carne e semblante dos monstros. Tal como fizeram tantos artistas no passado, como Goya o fez.

Pode ser uma visão pessimista afirmar que existimos num mundo de monstros. Ou que todos nós somos, podemos, fomos e seremos monstros em nossas vidas. Há um tanto de sátira e autodeboche nisso tudo, o que não é incomum na humanidade, nada livre da crítica entre si, e de si mesma. Contemplamos os deuses que nos julgam, e nós contemplamos os monstros que criamos e criticamos. Talvez haja uma grande ordem nisso tudo. Porém, o trabalho não é uma resposta ou investigação do mundo, ou dessas ordens, mas ele visou e executou a proposta que: nós podemos, e nós ativamente monstrificamos as coisas (pessoas, ocorrências, sentimentos...), e com isso nós, tal como Equidna da mitologia grega, criamos monstros. Afinal, monstros não são uma decorrência da natureza, mas da mente humana, e o trabalho Amostra dos Monstros fez o que podia para tentar ilustrar isso de forma sucinta.

❖ Contatos e Elos:

LinkedIn – sítio para exposição, procura e histórico de carreiras:

www.linkedin.com/in/josé-malta-9a2808162

Sítio Pessoal – possuindo uma seleção de trabalhos próprios e currículo:

<https://zebmalta.wixsite.com/my-site>

Instagram – rede social onde exponho alguns trabalhos menores:

<https://www.instagram.com/zemaltabruno/>

Email Pessoal:

zebmalta@hotmail.com

❖ Bibliografia e Referências:

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GIL, José. Monstros. Lisboa: Relógio D'Água, 2006.

CERTEAU, Michel de. A Escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. São Paulo: Grupo Editora Global, 2012.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: N-1 edições, 2018.

COHEN, Jeffrey Jerome. Monster Theory: Reading Culture. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

SCOTT, Niall. Monsters and the Monstrous. Leiden: Editora Brill, 2007.

// SÍTIOS ELETRÔNICOS UTILIZADOS:

AVELAR, Daniel. WhatsApp fake news during Brazil election 'favoured Bolsonaro'. The Guardian, Londres, 30 de Outubro de 2019. Disponível em:

<<https://www.theguardian.com/world/2019/oct/30/whatsapp-fake-news-brazil-election-favoured-jair-bolsonaro-analysis-suggests>> . Acesso em: 20 de Setembro de 2022.

GALLARDO, Claudia Pradas. Teste de Rorschach: interpretação das imagens. Psicologia-Online, Barcelona, 6 de Novembro de 2019. < <https://br.psicologia-online.com/teste-de-rorschach-interpretacao-das-imagens-8.html>> . Acesso em: 15 de Setembro de 2022.

ARTSY. Francisco de Goya. Nova Iorque. Disponível em: < <https://www.artsy.net/artist/francisco-de-goya>> . Acesso em: 10 de Setembro de 2022.

Apêndice: Exposição Individual

Título: Seleção Pessoal de Heroínas & Heróis

Galeria Macunaíma Virtual, 2023



José Bruno Malta
Seleção Pessoal
de Heroínas &
Heróis

(2022-2)



❖ **Apresentação da Exposição:**

Todos nós quando vivemos em "tempos interessantes", de mudanças, conflitos e grandes chacoalhadas, vemos entre nós e diante de nós: heróis, vilões, monstros, santos, mártires... Passar por esses tempos também nos faz olhar para trás, para análogos ao que lidamos agora, como uma busca por inspiração, por orientação e forças. Em outros trabalhos, eu já explorei a encarnação e vicissitudes dos monstros, e continuarei a fazê-lo em outras obras, porém, após tanto investigar esses entes hostis e hediondos, uma coisa ficou bem clara. Não importa quão crítico sejamos, quão cétricos ou iconoclastas, é de uma potência imensa ter conosco símbolos e fontes de poder a opor monstros. Não podemos viver em um mundo de pura hostilidade e tumulto, em que tudo e todos são falhos e egoístas sem falta, é preciso achar nossos faróis, nossos musos e musas da luta e resistência. É preciso heróis.

Após uma longa pesquisa e matutação, reuni uma grande lista de personagens históricos, gente que fez a diferença na nossa terra brasileira, gente como nós. Esses personagens não são menos fantásticos, ou mais perfeitos, por serem advindos de indivíduos que existiram, ou existem em carne e osso. Tampouco é por poderem ter falhas e aspectos a criticar que são menos heróis. Pois nada é mais inspirador do que a pessoa que é imperfeita, que tem defeitos, como nós, mas que ainda assim toma a frente e traz bem ao mundo. Seja na arte, na política, na peleja, na resistência, na forma de vida, ou no sacrifício, achamos muitas heroínas e heróis para admirar o empenho, e respeitar. Nenhuma idolatria cega traz quaisquer benefícios, mas não acreditar nesta potência humana louvável também é uma forma de derrotismo.

A condição heroica é simples de definir pessoalmente, embora uma aceitação difundida (entre comunidades, regiões e países) é um assunto mais delicado e difícil. Até mesmo seleções com intuito nacional, como o 'Livro dos Heróis e das Heroínas da Pátria' (localizado no Centro Cultural Três Poderes), podemos questionar as escolhas. Por isso aqui, ao invés de tentar contemplar uma suposta consagração universal, faço aqui uma seleção pessoal, dos heróis e heroínas que nos dias de hoje creio que merecem ser denominados como tais, e que devem ser expostos, seus nomes lembrados, seus rostos reconhecidos.

Cada um(a), de uma forma ou outra, me inspira de uma forma diferente, me causa admiração, me gera ardor e até mesmo ímpeto por sua causa. Só não encontraremos aqui meus heróis exclusivos e íntimos, da minha própria vida, pois isto é outro projeto. Nem toda pessoa que chamamos herói jamais gostaria de ser intitulada como tal, mas podemos ao menos olhar para sua pessoa humana, e aspirar por um mundo melhor, uma vida melhor, uma sociedade melhor. Para que um dia, ideal, não tenhamos mais monstros, e não precisemos mais de heróis.

❖ **Trabalhos Expostos:**





